

## RESENHA

---

---

---

---

---

---

LILIAN PANACHUK\*\*

HODDER, Ian. *Entangled: an archaeology of the relationships between humans and things*. Wiley-Blackwell: Malden, 2012. 252p. ISBN 978-0-470-67212-9.

O livro que interessa apresentar e debater é ainda recente, publicado em 2012, mas convém admitir que já não é novidade e foi alvo de diferentes resenhas já no ano seguinte de sua edição (BINTLIFF, 2013, FREIRE, 2013, MARILA, 2013, MILLS, 2013, PORR, 2013). O autor, Ian Hodder, arqueólogo britânico que já esteve em uma de nossas reuniões da Sociedade de Arqueologia Brasileira, pioneiro em diferentes perspectivas das abordagens pós-processuais e responsável direto pela maior divulgação sobre os resultados das escavações do sítio *Çatalhöyük* na Turquia, sítio indicado recentemente como patrimônio da humanidade pela UNESCO; dispensa maiores apresentações.

Depois de transcorrido esse período de cinco anos da publicação da obra pude identificar poucos artigos brasileiros que incluíram esse livro de Hodder em suas referências bibliográficas (como MENESES, 2015; CABRAL, 2014; BEZERRA, 2013), muito embora seja um autor bastante citado, especialmente por suas obras mais antigas. Talvez seja um exemplo do descompasso indicado por Tania Andrade Lima (2006) sobre a arqueologia brasileira. Contudo, considero ser justificada a análise crítica do livro, pois não identifiquei qualquer resenha escrita por pessoas latino-americanas, como nós. E esse situar afeta de maneira diferente o que se vê e o que se lê, portanto faz diferença (FAVRET-SAADA, 2005).

Desde o título, o livro de Hodder me atraiu pela perspectiva arqueológica pós-moderna de um emaranhado que levasse a sério a relação entre pessoas e coisas. Embora o capítulo inicial tenha me deixado desconfortável com o piano de caudas no

---

\* Recebido em: 05.02.2017. Aprovado em: 10.05.2017.

\*\* Doutoranda na Universidade Federal de Minas Gerais como bolsista da Capes. E-mail: lilianpanachuk@yahoo.com.br

Neolítico, como apontou Bintliff (2013). A leitura dos capítulos seguintes (capítulo 2 a 4) me permitiu mergulhar na discussão central. O foco do livro está na construção do conceito de emaranhado como uma relação dialética de dependência (no sentido de amarração e de subordinação, poderíamos traduzir *dependence/dependency*) que aciona humano-coisa, coisa-coisa, coisa-humano, humano-humano. Depois de caracterizar a dialética relacional do emaranhado e se afastar das metáforas de rede e da simetria de Latour, Hodder delinea as tensões do emaranhado em especial na relação humano-coisa (capítulo 5 e 6). A busca humana por adequação e coerência aperta os fios do emaranhado, tencionando-os. Nesse sentido o autor retoma o conceito de *affordance* de Gibson (1979), como reconhecimento potencial dado pelo material, pelo ambiente, pelo sistema econômico e tradição social, em uma escala corporal. E assim ele critica a separação entre cultura e biologia, para entrar no capítulo seguinte no qual aciona as abordagens evolutivas, especialmente focalizando os nichos construídos, mostrando como o humano modifica o ambiente (capítulo 7). Hodder pretende apresentar o emaranhado como um sistema complexo, aberto e descontínuo (capítulo 8), indicando que quanto mais o emaranhado se complexifica, mais aprisionados se tornam humanos e coisas em suas relações dialéticas. Nesse sentido explora a contingência, a temporalidade e a catálise. Para o autor, quanto mais complexo o emaranhado, mais mudanças ocorrem tornando mais intensa a amarração/subordinação entre humanos e coisas, sendo difícil, senão impossível “voltar atrás”. Os humanos e as coisas se estreitam e se aprisionam nesse emaranhado. Hodder delinea esse processo complexo do emaranhado como contextual, imerso em conjecturas e eventos múltiplos, de escalas e temporalidades múltiplas, reiterando que é difícil, senão impossível voltar atrás (capítulo 9). Nesse momento ele apresenta organogramas com diagramas e mapas indicando segmentos de amarração/subordinação (que ele chama *tanglegrams*) entre humanos e coisas e suas relações dialéticas. Como indicou Mills (2013) esses diagramas não são de fácil apreensão. Por fim (capítulo 10) o autor sintetiza as definições que o emaranhado aciona, conforme indicado acima.

As fontes bibliográficas utilizadas no livro são muito numerosas (MILLS, 2013, PORR, 2013) e certamente é uma revisão útil de diferentes abordagens teóricas. Os exemplos do autor são também numerosos e muitos são bastante primorosos, mostrando a relação entre humanos e coisas, suas temporalidades e aprisionamentos, pequenos objetos que catalisam relações, provocando mudanças ou encaixes.

Embora o título sugira uma abordagem simétrica, é preciso notar que o foco no objeto poderia se acomodar em uma abordagem orientada pelo objeto (MARILA, 2013), o que fortalece a perspectiva arqueológica da proposta ao observar o objeto com acurácia, esmiuçando aspectos físicos, químicos e formais. Como salienta Hodder, há desigualdade e hierarquia entre coisas e humanos, que devem ser observadas caso a caso. A perspectiva pragmática dá a tônica ao integrar visões consideradas polarizadas (PORR, 2013; MARILA, 2013), o que sem dúvida aumenta a dificuldade na leitura do texto, e mostra maturidade em tratar a diversidade de abordagens relacionando-as. Resta a dúvida se as diferentes perspectivas acomodadas na proposição teórica desenhada por Hodder irão agradar pesquisadores mais sedimentados em suas próprias visões. Nesse sentido, trazendo as preocupações de Strathern (1999) em relação ao limite de certa linguagem, convém observar a dificuldade em pinçar conceitos de abordagens teóricas tão diferentes e descartar o que não interessa. Com isso Hodder talvez traga outros conceitos acoplados e não somente os que deseja. Assim, por exemplo, ao usar

sucesso reprodutivo e replicativo das abordagens evolutivas e abrir mão do conceito de cultura não o arrastaria também?

Como leitora latino-americana é preciso observar alguns pontos que realmente não esperava nesse livro que se pretende uma teoria robusta e potencialmente salutar para qualquer contexto, presente ou passado. Não há nenhuma referência ao perspectivismo ameríndio (VIVEIROS DE CASTRO, 2002) e às teorias ameríndias da materialidade e da pessoa (SANTOS-GRANERO, 2009) e essas abordagens seriam úteis para colaborar com o tema. Nem mesmo as análises de William Balée (2008) sobre a indigeneidade da paisagem, estudos das plantas domesticadas e o manejo ambiental foram mencionadas. O mesmo para a formação das terras pretas, não aludida (KERN, 1988). Mas isso seria esquecido se não houvesse no texto uma colagem entre as terras baixas da América do Sul e o que Eduardo Neves (2014, 2015) chamou de princípios de incompletude, arraigados na arqueologia amazônica em geral e também na visão sobre a população local. Hodder indica a ausência de roda, de agricultura e de domesticação ao longo do texto, sempre associada às terras baixas da América do Sul. Outro ponto que merece destaque é a dificuldade e mesmo a impossibilidade apontada por Hodder em “voltar atrás” nas escolhas e aprisionamentos relacionais entre humanos-coisas. Nesse sentido é preciso novamente observar as terras baixas da América do Sul e as advertências de Eduardo Neves (2014), apontando a produção lítica e cerâmica antigas em centros diversos, e seu posterior abandono.

*Otra innovación importante hecha en los últimos años refiere a la identificación, hecha por Roosevelt y Miller, y anteriormente por Simões, de contextos de producción de cerámicas antiguas en el bajo Amazonas, en el litoral de Pará y en el medio Guaporé. Tales cerámicas, con edades que llegan a cerca de 7.000 años en el sambaquí fluvial de Tapérinha, cerca de Santarém, y a 5.500 años en los sambaquíes del litoral paraense, están entre las más antiguas del continente americano, ciertamente más antiguas que las cerámicas de las tierras altas, atestiguando que la Amazonia fue un centro independiente de innovación cultural en el pasado. Es interesante notar, no obstante, que así como ocurrió con la producción de artefactos líticos, la producción de vasijas cerámicas fue también aparentemente abandonada y sólo retomada luego de algunos milenios, como parece haber sido el caso en la región de Santarém (NEVES, 2014, p. 74).*

Ainda conforme Eduardo Neves, as alternâncias entre momentos de concentração e dispersão de comunidades amazônicas do passado eram comuns. “Quando estudadas, no entanto, numa perspectiva de história, verifica-se que essas formações sociais hierarquizadas e centralizadas tinham uma tendência à fragmentação, à dissolução, mesmo antes da conquista europeia” (NEVES, 2015, p.14). Nesses exemplos sul-americanos há alternância, e mais que isso, abandonos, que não me parecem contemplados na avaliação de Hodder, já que a tensão do emaranhado heterogêneo vai determinar a direção da mudança.

O livro despertou em mim muita simpatia e interesse, a síntese crítica da bibliografia (em especial das últimas duas décadas) e a organização teórica, acompanhada de bons exemplos práticos em especial do sítio *Çatalhöyük*, delineiam essa perspectiva emaranhada. Certamente o autor tem outros livros mais indicados para quem se aventura pela primeira vez aos campos conceituais da disciplina. Mas, para os leitores que desejam mergulhar nas discussões contemporâneas este é um livro indicado.

Referências

- ANDRADE LIMA, Tania. Teoria arqueológica em descompasso no Brasil: o caso da Arqueologia Darwiniana. *Revista de Arqueologia*, v.19, p. 125-141, 2006.
- BALÉE, William. Sobre a indigeneidade das paisagens. *Revista de Arqueologia*, v. 21, n. 2, p. 09-23, 2008.
- BEZERRA, Marcia. Os sentidos contemporâneos das coisas do passado: reflexões a partir da Amazônia. *Revista de Arqueologia Pública*, n. 7, p.107-122, 2013.
- BINTLIFF, John. Review articles. Archaeological theory: back to the future? *Antiquity*, v. 87, p. 1214-1216, 2013.
- CABRAL, Mariana, P. “E se todos fossem arqueólogos?” Experiências na Terra Indígena Wajãmpy. *Anuário Antropológico*, Brasília, UnB, v. 39, n. 2: 115-132, 2014.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. *Cadernos de campo*, n.13, p. 155-161, 2005.
- FREIRE, Shannon. Review Ian Hodder: Entangled: An archaeology of the relationships between humans and things. Wiley-Blackwell, Malden. *Field Notes: A Journal of Collegiate Anthropology*, vol. 5, n. 1, p. 86-89. May, 2013.
- GIBSON, James. An ecological approach to visual perception. Boston: Houghton Mifflin. 1979.
- KERN, Dirce C. *Caracterização pedológica de solos com Terra Preta Arqueológica na região de Oriximiná, Pará*. Dissertação (Mestrado em Geomorfologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 1988.
- MARILA, Marko. Review. Ian Hodder: Entangled: an archaeology of the relationships between humans and things. Wiley-Blackwell, Malden, MA, 2012, 264 pp. *Norwegian Archaeological Review*, v. 46, n. 1, p. 121-138, 2013.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A identidade da arqueologia brasileira. *Estudos Avançados*, v. 29 n. 83, 19-23, 2015.
- MILLS, Barbara. Review. Human-Thing Theory. *Current Anthropology*, v. 54, n. 4, August, p.1-2, 2013.
- NEVES, Eduardo. La incipiencia permanente. La Amazonia bajo el insistente destino de la incompletitud. In: Marcelo Campagno (editor). *Pierre Clastres y las Sociedades Antiguas*. Estudios del Mediterráneo Antiguo / Pefseca, n. 9, p.65-80, 2014.
- NEVES, Eduardo. Existe algo que se possa chamar de “arqueologia brasileira”? *Estudos avançados*, v. 29, n. 83, p.7-17. 2015.
- PORR, Martin. Review. Ian Hodder: Entangled: An archaeology of the relationships between humans and things. Wiley-Blackwell, Malden, MA, 2012, 264 pp. *Australian Archaeology*, n.77, p. 148-150, 2013.
- SANTOS-GRANERO, Fernando. The occult life of things: native Amazonian theories of materiality and personhood. Tucson. The University of Arizona Press. 277 pp., 2009.
- STRATHERN, Marilyn. No limite de uma certa linguagem. *Mana*, v. 5, n.2, p. 157-175, 1999.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem, e outros ensaios de antropologia*. São Paulo, Cosac & Naify. 552 pp., 2002.